

Brasil, 500 anos

Por trás das insistentes tentativas de instrumentalizar a questão indígena, abortadas pela inusitada firmeza com que o governo tratou o assunto, dentro da melhor receita democrática (como se pode conferir buscando paralelos entre o remédio ministrado aqui ou em Washington, nas recentes manifestações "anti-globalização", ou, ainda, em Miami, no episódio Elián, para quem se dispôs a afrontar a lei), está, antes de mais nada, o oportunismo do MST, que não perde qualquer pretexto que se lhe apresente de desafiar a ordem estabelecida e fomentar confrontos, se possível violentos. Esta parte da explicação para a onda que tentou fazer rolar por sobre as comemorações dos 500 anos do Descobrimento está de tal forma clara que nem os mais tradicionais "companheiros de rota" do MST, como a Contag e o PT, deixaram de condenar publicamente a tentativa, que terminou conseguindo, à guisa de apoio, apenas o silêncio cúmplice daquela parte da Igreja Brasileira que destoa da orientação da de Roma, a que pediu perdão também aos índios pela parte que lhe toca na História, sempre tão irremediavelmente trágica, das primeiras perambulações de uma humanidade adolescente pelo planeta Terra.

Esse perdão, humildemente pedido pelo papa João Paulo II, tem, aliás, o único sentido positivo que se pode dar à crítica histórica, que é o de lamentar a sequência de acidentes que constitui o seu desenvolvimento, e que não pode ser mudada, na esperança de contribuir para produzir um futuro diferente do que foi esse passado.

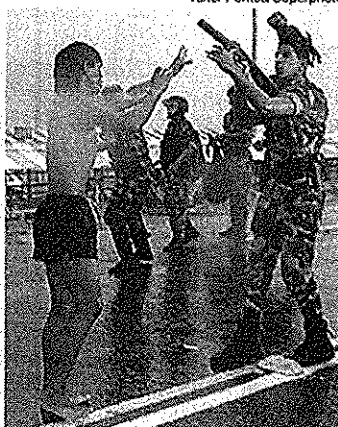
As simplificações ideologizadas, se foram des-

culpáveis um dia, não podem mais ser perdoadas nesta "era da informação" como enganos de boa-fé. Querer reescrever a História pelo ponto de vista do vencido ou do vencedor (que não se sabiam nem uma coisa nem outra enquanto ela se desenrola-

va); namorar o mito do "bom selvagem" (que não existiu nem na América pré-colombiana nem nunca, como demonstram os fatos que fizeram Martin Afonso de Souza desistir de se instalar no Rio de Janeiro dos "brabos" Tupinambás, que impunham seu jugo às demais tribos brasileiras, e ir procurar abrigo em São Vicente); ou "ler" a história que se desenrolou ao longo de cinco séculos partindo do que se sabe hoje dela, como uma conspiração premeditada de uma "cultura" — que só começou a se formar nos últimos dois séculos e ainda não sabe a que, exatamente vai chegar — contra outra, que também nunca teve nem uma natureza uma nem uma consciência de si própria como tal, não pode mais ser desculpado como simples expressão de ignorância.

É mais um ato de má-fé, de quem já a provou e comprovou sobejamente.

O Brasil somos nós, europeus, índios e negros, que já não somos nenhuma dessas coisas isoladamente, mas a mistura de todas elas e do que fizemos uns aos outros, num passado sem volta, como são, aliás, todos os povos e todos os indivíduos humanos: memórias históricas amalgamadas em culturas que determinam o presente. E podem pautar o futuro pelo ódio, pela retaliação e pelo rancor, ou aprendendo, de todas as manifestações pregressas deles, a eliminá-los ou, ao menos, controlá-los.



Valter Portes/Coperphoto

O Brasil somos nós, europeus, índios e negros, que já não somos nenhuma dessas coisas isoladamente, mas a mistura de todas elas e do que fizemos uns aos outros